

Performances de masculinidade, práticas de subversão: o consumo de telefones celulares entre jovens de camadas populares

Performances de masculinidad, practicas de subversión: el consumo de teléfonos móviles entre jóvenes de grupos populares

Performances of masculinity, practices of subversion: the consumption of cell phones among the low-income youth

Sandra Rúbia Silva¹

Resumo *A partir de uma abordagem etnográfica, discuto neste artigo o papel do consumo de telefones celulares na construção e expressão de subjetividades entre jovens, em especial os do sexo masculino. Ao longo da análise, argumento que diversas práticas de consumo envolvendo celulares – como, por exemplo, ouvir música alta em espaços públicos – reafirmam elementos da masculinidade hegemônica, tais como a agressividade, a performatividade pública, a atividade sexual e a corporalidade.*

Palavras-chave: *Juventude. Subjetividade. Telefones celulares. Masculinidade hegemônica.*

Resumen *Desde un enfoque etnográfico, en este artículo se discute el papel del consumo de teléfonos móviles en la construcción y expresión de las subjetividades de los jóvenes, especialmente los varones. A través del análisis, se argumenta que las diversas prácticas que implican el consumo de teléfonos móviles – tales como escuchar música a todo volumen en el espacio público – reafirman los elementos*

¹ Mestre em Comunicação e Informação (UFRGS) e doutora em Antropologia Social (UFSC), com estágio de doutoramento-sanduíche no University College London, sob a orientação do prof. Daniel Miller. Professora adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: sandraxrubia@gmail.com.

de la masculinidad hegemónica como la agresividad, la performatividad pública, la actividad sexual y la corporalidad.

Palabras-clave: *Juventud. Subjetividad. Teléfonos móviles. Masculinidad hegemónica.*

Abstract *Drawing from an ethnographic approach, I discuss in this article the role of the consumption of mobile phones in the construction and expression of subjectivities among young people, particularly males. Throughout the analysis, I argue that various consumption practices involving phones – such as listening to loud music in public spaces – reaffirm elements of hegemonic masculinity such as aggressivity, public performativity, corporeity and sexual activity.*

Keywords: *Youth. Subjectivity. Mobile phones. Hegemonic masculinity.*

Data de submissão: 08/08/2012

Data de aceite: 19/10/2012

O “tornar-se homem” e o “ser homem”: da hegemonia às masculinidades

O bairro de camadas populares – que aqui chamarei de Morro São Jorge – onde foi conduzida a etnografia para minha tese de doutorado (SILVA, 2010), situa-se na parte central da cidade de Florianópolis; lá vivem em torno de três mil pessoas, a maioria crianças e jovens. Ao propor-me a pesquisar as práticas e representações atribuídas ao telefone celular ali, a partir de uma perspectiva antropológica, confesso que em princípio os aspectos que abordarei ao longo deste artigo não constituíam parte relevante do roteiro que guiou minhas primeiras entrevistas e observações. Refletir mais detidamente sobre as intersecções entre masculinidades e telefones celulares foi algo que o campo me trouxe², mas que serviu para ressaltar um argumento fundamental: muito mais do que simples aparelho de comunicação, usado meramente para fazer e receber chamadas, o celular tem importantes funções simbólicas na comunidade do Morro S. Jorge. Dentre elas, a que recorro para discussão no espaço deste artigo: o papel dos celulares tanto enquanto elemento de constituição de um estilo de masculinidade – em especial no caso dos jovens – como enquanto elemento que reatualiza determinadas práticas ligadas à masculinidade tradicional, também chamada de hegemônica no campo de estudo das masculinidades (KIMMEL, 2004; GROSSI, 1995).

Gostaria de trazer, em favor do argumento desse artigo, elementos trazidos pela teoria que tanto influenciam como são relevantes na constituição das masculinidades jovens do Morro S. Jorge. Digo aqui “masculinidades” porque o campo dos estudos de gênero, como nos lembram Cecchetto (2004) e Almeida (1995), que por muito privilegiou o estudo das homossexualidades masculinas, ao se debruçar sobre o estudo da masculinidade hegemônica faz-lhe, numa segunda onda

² O material etnográfico que serve de base para as reflexões aqui apresentadas consiste de observações nos espaços públicos do bairro, feitas ao longo dos onze meses de trabalho de campo, entre 2008 e 2009, e também de entrevistas em profundidade com sete de meus interlocutores: cinco jovens solteiros, um jovem de dezoito anos, casado, e uma jovem de vinte e oito anos.

de estudos, a crítica. Portanto, trata-se fundamentalmente de pensar as masculinidades assim, no plural. Como afirma Cecchetto (2004, p. 38) em seu estudo sobre violência e estilos de masculinidade entre jovens de camadas populares do Rio de Janeiro, quando se trata de estudar a masculinidade antropológicamente, fora de paradigmas essencialistas, “há masculinidades e masculinidades.” A autora nos lembra que existem variações que dependem do contexto local e das noções de masculinidade ali vigentes. Nesse sentido, nossa pesquisa insere-se dentro da proposta dos estudos de construção social da masculinidade, aqui procurando indicar que a posse e o uso das tecnologias de comunicação e informação, como os telefones celulares, joga um papel nesses processos. Os quais estão em constante construção, pois, como nos lembra Almeida (1995, p. 128), o “ser homem” não se reduz à condição biológica, à posse de um pênis, “[...] mas sim a um conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados.”

Dentre os elementos da masculinidade hegemônica relevantes para a nossa discussão, gostaria de destacar os seguintes: a ligação da constituição do masculino com a atividade sexual e a corporalidade, que pode se traduzir em uma sexualidade predatória e na valorização do corpo viril; a agressividade, ligada ao prazer pelo risco e pela competição; e, por fim, a necessidade de uma performatividade pública da masculinidade. Vejamos esses elementos em mais detalhes.

A constituição do masculino hegemônico em nossa cultura dá-se, fundamentalmente, por oposição ao feminino (GROSSI, 1995; WELZER-LANG, 2001). Assim, ser homem, principalmente no Brasil, significa ter atividade sexual com mulheres e dominá-las, sendo que, de um lado, a infidelidade masculina em namoros e casamentos tende a ser valorizada; e, de outro, o adultério feminino seja o maior temor, fazendo com que a mulher se transforme em fonte de humilhação, em vez de honra (FONSECA, 1991; ALMEIDA, 1995). Colecionar mulheres e não ser traído torna-se atestado de virilidade; estabelece-se uma “moral sexual ambivalente” (ALMEIDA, 1995) na qual é social-

mente aceito entre os homens o status de namorado ou marido que mantém relacionamentos paralelos. Ser homem, também, é não ser³ “gay”, “veado” ou “bicha” – a homofobia é elemento importante da masculinidade hegemônica (WELZER-LANG, 2001). Nas conversas com os jovens do Morro S. Jorge, observei o quanto o discurso homofóbico estava presente nas conversas e brincadeiras. É fundamental mostrar que não se é “gay” falando mal “deles”, desvalorizando-os. Outra forma de ressaltar a masculinidade é demonstrar muitos contatos com o sexo oposto, possibilitando oportunidades de contato sexual, ou seja, de ser reconhecido entre os pares como um “pegador”. Nesse sentido, é indicativo o uso das agendas de telefones celulares. Por exemplo, na agenda do celular de um de meus jovens interlocutores, Patrick, só há dois números “de homem”, e o restante são números de meninas. Segundo ele, os únicos motivos para se ter um número de homem na agenda são, primeiro, se for parente; e mais importante ainda, se for um grande amigo – “fica esquisito um cara cheio de números de homem no celular”. Também só se dá o próprio número para um homem que for conhecido. Mas com as meninas o caso é diferente – quanto mais possibilidades de contato com elas, melhor.

Tão importante quanto a atividade sexual é a questão da corporalidade na constituição do masculino. Entendendo o corpo como elemento básico para a construção social da masculinidade, e servindo de suporte na constituição de seus diferentes estilos, Cecchetto (2004) ressalta sua ligação com as temáticas da identidade, da sociabilidade, da violência e da relação entre os sexos. Trata-se de pensar, além de um corpo sexualmente ativo, em um corpo viril, musculoso, desenvolvido para a luta e resistente à dor. Os dolorosos ritos de iniciação de meninos nas sociedades simples podem ser relacionados aos termos de sociedades complexas, por exemplo, através da valorização da resistência à dor e da perícia em esportes de competição como as artes marciais ou o *rugby* (GASTALDO, 1995; RIAL, 1998).

³ Importante dizer que, no Brasil, ter atividade sexual com homens na condição de “ativo”, ou seja, de penetrador, não significa ser considerado homossexual (GROSSI, 1995).

Para o propósito do argumento que desejo discutir, resalto, é preciso evocar essa importância simbólica do estilo corporal e perceber o corpo como indo além do puramente físico e biológico, como nos ensinou Mauss (2003). O torna torna-se, assim, um suporte de significados que transcende o físico, e é assim que interpreto a relação da música, da corporalidade e da performance da masculinidade entre os jovens do S. Jorge. Nesse sentido, Borelli e Rocha (2008) trazem uma visada teórica que, penso, é significativa para o argumento que proponho a seguir: as autoras veem a interseção entre, por exemplo, tecnologias de comunicação e informação e os corpos juvenis nas cenas urbanas propondo pensar tais corpos como “corpos-mídia” – os corpos são reapropriados tanto por mídias massivas quanto por mídias digitais, podendo ser pensados enquanto estratégias de “ser no mundo” (BORELLI; ROCHA, 2008) juvenis que, pautadas pelo consumo e pela comunicação, buscam visibilidade. Meu argumento aqui é o de que, ao ouvirem música sem fones de ouvido, os garotos da comunidade desenvolvem uma técnica corporal que fala de sua identidade viril. Ao ocuparem o espaço sonoro à sua volta, também reatualizam uma estratégia de construção de masculinidade que pode ser equiparada, penso, àquela do corpo viril e musculoso, que domina o espaço em torno de si. Nesse sentido, o aparelho de telefone celular e suas possibilidades sonoras são entendidos como uma extensão do corpo, tal como argumentado por McLuhan (1995). Para Borelli e Rocha (2008, p. 31), pensar jovens e juventudes envolve considerar como estes “[...] inventam e se comunicam por meio de linguagens que lhes são próprias – e isto parece ainda mais evidente no uso das novas tecnologias, móveis e interativas [...]”.

A agressividade, a competição e o gosto pelo risco são outras características da constituição do masculino que podem ser cotejadas às práticas sociais e culturais relacionadas aos telefones celulares, como veremos adiante. Em seu estudo sobre as galeras funk cariocas, por exemplo, Cecchetto (1998, 2004) relaciona as rixas e lutas ritualizadas presentes nos bailes funk à constituição de um *ethos* guerreiro no lazer juvenil das camadas populares, caracterizado pela “disposição

para a briga” e pela busca da excitação, expressa na categoria nativa da “emoção”, relacionada à fruição da tensão e do risco existentes nessas lutas. Apresento aqui dois argumentos: primeiro, que o elemento da agressividade, ao se fazer presente nas músicas funk que tocam nos celulares, propiciam um *locus* no qual a violência é estilizada e não experimentada tão diretamente, como nas brigas dos bailes funk; segundo, que as estratégias para “burlar as operadoras”, como dizem meus interlocutores, revelam uma dinâmica semelhante: um gosto por subjugar um adversário – institucional, que aqui seja – que envolve riscos e gera emoção.

Outro elemento que marca as masculinidades é a questão de sua performance pública. Almeida (1995) descreve esse processo como se iniciando já no final da infância; com os meninos sendo cada vez mais incentivados a tornarem-se independentes dos espaços feminilizados da casa e da vizinhança, ao contrário das meninas, que os codominam com suas mães. Assim, são necessários espaços de convivência masculina exclusiva, dos quais a “rua” é especialmente marcadora de masculinidade, por ser do domínio do público e masculino, enquanto o da casa o é do privado e feminino. Os homens jovens e adultos percebem que a domesticidade feminiza e expressam mal-estar com a ideia de ficar em casa: “estar em casa ‘faz mal’, ‘amolece” (ALMEIDA, 1995, p. 64). Se nas sociedades primitivas existiam as “casas de homens”, espaços interditos para mulheres, nas sociedades complexas constituem-se espaços privilegiados de homossociabilidade, por exemplo, os bares – onde a prática de assistir a jogos de futebol coletivamente engendra duelos verbais (GASTALDO, 2005); os cafés e as boates (ALMEIDA, 1995) e os espaços de prática de esportes como jiu-jitsu (CECCHETTO, 2004); *full-contact* (GASTALDO, 1995); e judô e *rugby* (RIAL, 1998). Torna-se valioso dizer que a palavra e a retórica são muito importantes na prática da “casa dos homens”, como assinala Almeida (1995, p. 189), onde a perspicácia verbal, o relato de proezas e a capacidade de réplica são artes verbais que contrabalançam a agressividade sexual e física.

Rial (1998, p. 251), referindo-se aos esportes, observa que cada vez mais diminuem os espaços de homosociabilidade devido à crescente presença de mulheres. Nesse sentido, Almeida (1995, p. 179-190) percebe que a intensificação dos processos de globalização trazem novas possibilidades de masculinidade – tanto pelo consumo de conteúdos midiáticos que veiculam modelos diversos de masculinidade (nesse caso, a exibição de telenovelas brasileiras em Portugal), quanto pelo acesso maior a bens de consumo. Dentre os bens identificados pelo autor como valorizadores da identidade masculina, estão os carros e as motos. Assim, “com os jovens, motorizados e consumidores, outras tradições estão a se inventar, nos *pubs* e discotecas, onde outra masculinidade se constrói *in praesentia* das raparigas, escolarizadas e mais livres em termos de mobilidade.” (ALMEIDA, 1995, p. 190).

Por fim, gostaria aqui de ressaltar a ligação do consumo de tecnologias de comunicação e informação – celulares, notebooks – com um emergente modelo de masculinidade dito hegemônico e globalizado, no qual a mobilidade é fundamental. Esse modelo é uma reatualização do modelo de “sucesso” masculino, baseado no prestígio e na riqueza, que Almeida (1995) já identificava em seu estudo do vilarejo de Pardais, em Portugal. Esse modelo global dialoga e subordina outras masculinidades, ditas periféricas (KIMMEL, 2004). Nas palavras do autor:

[...] o modelo global dominante da masculinidade hegemônica, com o qual todas as masculinidades locais, regionais e nacionais são comparadas e ao qual cada vez mais se referem. A versão global emergente da masculinidade hegemônica é facilmente identificável: você pode vê-lo sentado em salas de espera de primeira classe em aeroportos, ou em hotéis de negócios elegantes de todo o mundo, vestindo um terno caro, falando inglês, falando em seu telefone celular, seu computador portátil ligado a qualquer tomada elétrica, enquanto ele assiste na televisão CNN Internacional (KIMMEL, 2004, p. 415).⁴

⁴ Tradução nossa.

Ceccheto (2004, p. 239), ao analisar a sociabilidade funk através de letras de canções⁵, nos dá um bom exemplo de como esse modelo de “sucesso” masculino incorpora o consumo de aparelhos celulares, carros importados e motos como objetos de poder; signos de poder econômico. A autora observa que agora as mulheres tendem a valorizar mais, em primeiro lugar, a posse de bens de consumo; em segundo, a disposição permanente para o sexo; e, bem menos, as características corporais masculinas. Citando Castells (1999), Cecchetto denomina esse comportamento como “sexualidade consumista”. Para os jovens do morro S. Jorge, como Patrick, de dezessete anos, aluno da sexta série do Ensino Fundamental, tanto pela idade quanto pelo escasso poder econômico, é difícil ter um carro ou uma moto. Nesse caso, o celular cumpre seu papel enquanto objeto importante nas performances de masculinidade. Patrick me diz que o modelo de celular impressiona sim, as meninas, e funciona como possibilidade de aproximação com elas. Uma vez, me conta, estavam escutando música juntos ele, seu primo e o amigo Pernão (o uso de apelidos é bem comum no São Jorge). “Aí ela chegou e quis ver o celular de todo mundo, um por um, o Pernão disse que ela estava fazendo pesquisa. Pra ver qual celular era mais bonito.”

Ocupar “onde não tem nada”: a propósito de música nos celulares, corporalidade e performance pública

A prática de ouvir celular sem fone de ouvido parece estar se disseminando entre os jovens no Brasil. Em metrópoles como São Paulo, tanto na rua quanto no transporte coletivo; acontecem até desafios entre garotos e jovens dentro de ônibus e vagões de metrô para ver quem toca mais alto. Os gêneros musicais mais tocados são, pela ordem, funk, hip-hop, pagode, rock e sertanejo, Calderari (2009). Por outro lado, para dar um

⁵ Transcrevo a seguir trechos da letra do *rap* *Citrôen*: “Você me olhou e eu olhei também/ Mas não foi pra você, foi pro seu lindo Citrôen/ Que, quando eu vi, eu me impressionei/ E foi assim que por você me apaixonei. Mas isso não é importante e o que me chamou a atenção/ Foi os seus cordões de ouro/ E o seu bipe na mão [...]” (CECCHETTO, 2004, p. 239).

exemplo de variação cultural relacionada ao uso de celulares, Okabe e Ito (2005) dão conta que no transporte público japonês falar ao celular no transporte público não é socialmente aceito – prefere-se passar mensagens de texto ou checar o e-mail. Certamente, a prática de ouvir música em volume alto sem fone de ouvido dificilmente seria tolerada.

Lembro-me bem que, já em uma das primeiras vezes em que circulei no morro, chamou-me a atenção a paisagem sonora do local: era muito frequente ouvir, ao longe ou de mais perto, o som de uma música rap ou funk ou, também, pagode. Com o passar do tempo, não demorei para perceber que o telefone celular era parte importante dessa ecologia sonora: a música tocada na rua vinha deles, na maior parte das vezes. Tocada e ouvida por todos os que estavam à volta, já que não se usava o fone de ouvido. Essa prática de ouvir música no celular sem fone de ouvido, percebi, era realizada principalmente por garotos, em especial na faixa etária pré-adolescente e até os dezoito, vinte anos.

Comecei a prestar mais atenção nessa prática, e a incluir esse questionamento nas entrevistas e nas conversas com meus interlocutores. Seja nas mãos dos garotos que voltavam da escola do bairro; dos que desciam do ônibus localizado no ponto final, no alto do morro; dos meninos que circulavam em grupinhos pelas vielas do S. Jorge; dos meninos que soltavam pipa nos terrenos baldios; dos “guris⁶” que vigiavam em pontos estratégicos ou dos que passavam a tarde sentados nos muros baixos das pequenas casas do projeto habitacional da prefeitura, lá estavam eles, onipresentes: celulares tocando rap e funk, em volume alto. Patrick, além de confirmar o hábito na comunidade de usar o celular para ouvir música, relaciona a urgência que os jovens sentem de ouvir música com a necessidade de preencher uma espécie de vazio: “sim, é o que mais tem. Assim, tu vai num lugar onde *não tem nada*, tu bota uma musiquinha, até soltando uma pipa... qualquer lugar... no shopping...”

“É um inferno”, reclama para mim uma senhora idosa, evangélica. “A gente está no ônibus, e sempre tem essa gurizada ouvindo *essa* mú-

⁶ “Os guris” ou “os meninos” é como são chamados os olheiros do tráfico de drogas na comunidade. No S. Jorge, o tráfico tende a ser sutil, mas existe.

sica bem alto. Ainda se fosse uma música que falasse do Senhor Jesus, ou uma coisa mais calma, mas é só palavrão e barulho.” Embora esse comentário desse conta de tensões relacionadas à geração e também à religiosidade, a ligação entre jovens, música e celulares me intrigava cada vez mais. Ainda mais porque a literatura sobre telefones celulares na ótica das ciências sociais – sobre a qual eu me debruçara antes do trabalho de campo – embora relacionasse de modo abundante jovens e celulares, não descrevia nada sequer parecido ou relacionado à prática que eu observava no S. Jorge. A literatura, centrando-se em camadas médias dos países da Europa, América do Norte e Ásia, trazia análises relacionadas principalmente ao uso de mensagens de texto (SMS) e seus desdobramentos na sociabilidade adolescente e na linguagem; destacam-se também análises do celular como expressão de uma estética e identidade adolescentes, além do estudo das intersecções entre adolescentes, celulares e comunicação intergeracional (LING, 2004; CARON; CARONIA, 2007). Qual a relevância para esses jovens de ouvir música alto, ocupando o espaço sonoro à sua volta?

Ao lançar um olhar mais detido sobre essa questão, a primeira descoberta foi sobre a importância de uma funcionalidade do telefone celular na circulação das músicas entre os jovens. Trata-se do *bluetooth* – tecnologia de transmissão de dados sem fio designada por essa palavra da língua inglesa de difícil pronúncia (os jovens do S. Jorge diziam “blutufe”, “blutufi” ou mesmo “blutú”, grafias que manterei daqui por diante na transcrição das falas dos interlocutores). Rapidamente percebi que ter um celular que tocasse música no formato MP3 não bastava – ter um celular com *bluetooth* era o que todos queriam, como me explica James, de vinte anos: “Aí, chega um colega da escola que tem um celular *com tudo*... Tem uma música que é lançada, a gente quer ouvir, aí, se o celular não tem blutufe, não tem acesso.”

“O seu tem blutufe?” foi a pergunta que ouvi mais de uma vez nas rodas de conversa dos grupinhos de meninos das “casinhas”, enquanto passava para ir a algum lugar do morro. Mais de uma vez, confesso, fingi estar esperando alguém só para ouvir o que diziam. Assim, também

descobri que ter um celular que toca bem alto é um atributo muito valorizado. Essa valorização do *bluetooth* no S. Jorge contrastava com o uso do celular quando comparado às camadas médias com as quais eu tinha contato na vida cotidiana. O *bluetooth* estava longe de ser tão importante e, mais ainda, era nunca ou raramente usado. Um colega meu de pós-graduação chegou mesmo a me perguntar do que se tratava. No S. Jorge, o *bluetooth*, como mencionei acima, é fundamental na obtenção de conteúdos para os telefones celulares, sejam estes arquivos de vídeo, imagens, ou músicas. É através do *bluetooth* que os jovens da comunidade “passam música” uns para os outros – e, o que é relevante, sem custo algum.

Patrick e James, assim como muitos outros jovens da comunidade, me surpreendem com sua perícia e rapidez ao passar os arquivos de um telefone para outro, enquanto eu me atrapalhava. Com o tempo, fui ficando mais habilidosa e adquiri o hábito de trocar arquivos com os jovens de lá sempre que possível.

Foi assim, observando, entrevistando e trocando arquivos via *bluetooth*, que pude comprovar a preferência dos jovens do S. Jorge pelos estilos de música rap e funk. No caso do funk, uma preferência especial pelo estilo conhecido como *proibidão* ou funk bandido, termo utilizado por Fátima Cecchetto (1998, 2004) em sua análise sobre as ligações entre funk, violência e estilos de masculinidade. Embora refute uma ligação mecânica entre a frequência os bailes funk e a eventual violência de seus frequentadores, a autora reconhece a constituição de um *ethos* guerreiro através da organização do baile e das canções, com sons de tiros e metralhadoras e letras que fazem referência às facções criminosas, ao roubo e ao tráfico de drogas. Um exemplo é a letra da música “Humildade e Disciplina” do MC Menor do Chapa, que circula no Morro S. Jorge. Na letra, faz-se referência ao CV (Comando Vermelho, facção criminosa do Rio de Janeiro) e pede-se a liberdade para um de seus líderes, Marcinho VP. Outra vertente mais recente do funk, analisada por Cecchetto (2004, p. 231/245) é o chamado *pornofunk*, também presente nos celulares do Morro S. Jorge. Se antes, para a autora, o universo masculino era preponderante, agora entra em cena a interação entre os sexos, com

referências explícitas à atividade sexual que enfatizam a virilidade dos homens e a passividade das mulheres.

Entretanto, como relata Patrick, há um espaço interdito para o *proibidão* e o *pornofunk*: a escola. Patrick e seus colegas escutam música no celular até dentro da sala de aula, quando a professora deixa; mas esse consentimento depende do tipo de música. Até meados do passado (2008), Patrick conta que era o único de sua sala que tinha celular, e os colegas queriam ouvir música:

Aí, a professora deixava colocar o celular num cantinho da sala, e a gente ouvia música enquanto ficava escrevendo... [*Ela deixava tocar*] Exaltasamba, Jeito Moleque, ah, várias músicas... menos assim MV Bill, Menor do Chapa, aí a professora não deixava... Uma coisa *leve* tudo bem, mas música de bandidão não deixa.

Menor do Chapa é o nome artístico de Fabrício de Souza Batista, cantor de funk de vinte e sete anos de idade, morador do Morro do Turano, no Rio de Janeiro. Em 2005, foi enquadrado na Lei de Entorpecentes e indiciado por apologia ao tráfico. Em 2006, seu nome foi envolvido em uma polêmica: a polícia do Rio abriu inquérito para investigar a venda de toques de celulares de *proibições*, por parte das operadoras Vivo e Claro. Abaixo, transcrevo a letra de uma de suas canções, “Humildade e Disciplina”, que circula no Morro S. Jorge:

E aí, irmão?/ Humildade e disciplina, Vida louca/ Diretamente do Chapa, só proceder/ Turano mais bolado aê.../ Fundamento do CV/ Se vir mandado, vai saindo de fininho/ Na humildade, liberdade pro Marcinho/ tranquilidade, Turano, nem melhor, nem pior.../ É o bonde do Menor/ É “fé em Deus”, Colômbia é muita pureza/ É só relíquia, Bolado Pantera Negra/ Se liga então, 157 só boladão/ É “os quarenta ladrão” PJI!/ prá todos os manos meus, é o vermelho/ de volta no morro do adeus essa é a intriga/ E com o ante terror, vingamos o jogador/ E aí, irmão?/ Humildade e disciplina, Vida louca/ Diretamente do Chapa, só proceder/ Turano mais bolado aê...

Outro achado interessante de pesquisa ocorreu quando fui entrevistar outra interlocutora, que for fim não estava em casa. Mas comecei a conversar com a filha de dezesseis anos. Ela escuta no celular um funk – digno de nota, pois fala da vida e morte de um jovem soldado do tráfico do próprio Morro S. Jorge, morto por rivais de outra comunidade. “Foi um *rapper* de Porto Alegre que fez, era amigo dele, tem um monte de gente aí no Morro que tem essa música no celular”.

A preferência de muitos garotos e jovens do S. Jorge pelo funk e pelo rap, portanto, dá conta de um modelo de masculinidade que tende a se constituir pela agressividade. Carlos Alberto, de vinte e quatro anos, uma jovem liderança da comunidade e pertencente ao movimento hip-hop, comenta o papel da música para os garotos:

Tem muito disso sim, de ouvir música alto... Escutam muito rap inclusive, então é questão de identidade, de mostrar uma característica do moleque, de como ele é, de como ele quer se portar, quer agir... Querendo ou não, o rap passa uma forma agressiva de desenvolver, nas letras, na forma de cantar. Então dependendo da forma como ele canta e como transmite, vai dizer como o moleque se sente. A música que ele adota como sendo legal tem muito a ver com a característica dele.

Práticas de subversão: o prazer da competição e do risco

“Sandra, é só mané que coloca crédito no celular.” Foi Celinho, jovem de catorze anos com quem convivi vários meses, filho de uma interlocutora, que me chamou a atenção para estratégias um tanto quanto ilícitas utilizadas para falar no celular sem custo. A frase-padrão dita a mim pelos interlocutores era “meu celular está sem crédito”. Uma estratégia tradicional e normativa, não subversiva, para contornar essa situação é fazer ligações a cobrar – prática que discuto em outro lugar (SILVA, 2010). Levando-se em conta que a gíria carioca “mané” quer dizer “trabalhador” (ZALUAR, 2004), o que vive pelas normas, propus-me catalogar

algumas dessas “práticas de subversão” que tendem a inverter as relações de poder entre usuários e operadoras de telefonia celular. Pode perceber que “burlar as operadoras” era parte de um discurso de narrativas de proezas e de êxito. O “burlar as operadoras” pode ocorrer por duas vias: uma mais passiva, por assim dizer, na qual se tira vantagem das falhas técnicas e erros administrativos das operadoras – porém, está presente a satisfação pela subjugação do inimigo; e outra mais ativa, na qual se provoca algum tipo de pane ou se compartilham estratégias para superar obstáculos impostos pelas operadoras – como o bloqueio de celulares. No primeiro caso, são recorrentes no S. Jorge os relatos sobre a operadora Vivo, a campeã da falha técnica. “Da TIM já deu, mas não era direto como a Vivo”, diz James. Ele e Caio me contam em detalhes:

Quando entrou a Vivo, depois da meia-noite era de graça, porque sempre caía a rede deles. Era alguma coisa, eles não tinham o controle exato, aí dava pane porque tinha muita ligação. Ligava de graça a madrugada inteira. Eu ligava da casa do meu pai, pra cá. [*James se entusiasma: quando dava pane eu avisava todo mundo; oh, liga pra cá!*] Quem não tinha celular da Vivo ia ali correndo pedir emprestado para quem tinha, ficava ligando. Às vezes dava pane na Vivo à tarde também, independente.

A segunda modalidade de “práticas de subversão” é bem mais ativa e traz, além da satisfação pelo inimigo – institucional⁷ – subjugado, o prazer pela competição e pelo risco. Na primeira vez em que conversamos, Ricardo chamou minha atenção ao dizer que tinha trocado o sistema operacional de seu celular. Com essa perícia, Ricardo ajuda os amigos com problemas técnicos em seus aparelhos. Aos 18 anos, recém-formado no Ensino Médio, com emprego estável, casado e pai de um bebê de três meses, também revelou-se afeito a “burlar as operadoras” com base em sua destreza técnica:

⁷ Passar trotes, seja pelo aparelho fixo ou pelo celular, para a polícia, bombeiros, pessoas ou comércio da vizinhança, conforme constatei no S. Jorge, também é uma prática ligada à constituição da masculinidade através da exposição ao risco.

Para burlar as operadoras, é procurar saber as falhas do sistema, às vezes como mandar mensagem de graça, fazer ligação de graça, usar a internet de graça... como o chip que eu peguei com um amigo meu, que foi todo modificado, e eu usei a internet de graça por duas semanas, e-mail, msn, eu ficava direto. Muitas vezes é falha das próprias operadoras, elas liberam, esquecem... Como uma vez a gente ficou um ou dois meses na boa porque o aparelho simplesmente não cobrava a ligação... Foi uma falha da operadora. Quem tinha crédito fazia ligação e não era debitado do crédito, todo mundo que tinha celular da Vivo. Mas já faz uns três ou quatro anos.

Outra estratégia utilizada por Felipe é o compartilhamento de informações através da Internet, com jovens de todo o Brasil. Nesses sites, ocorrem relatos que ecoam o “exibicionismo” do relato de proezas tal como pensado por Almeida (1995):

Tu acha tudo na Internet, para desbloquear, mudar as características do aparelho, e é fácil. Noventa por cento dos aparelhos com uma pesquisa básica na Internet você consegue um tutorial para desbloquear o aparelho. Também tem bastante fóruns na Internet falando especificamente sobre celulares. Eu entro, pesquiso e pego todos os tutoriais que eu preciso. Para tentar consertar quando dá defeito, pegar recomendações.

Ao contrário de Ricardo, Patrick não tem computador com Internet em casa, nem a capacidade técnica de fraudar as operadoras. Mas seu celular está sempre sem crédito. Para Patrick, colocar créditos no celular é uma questão de ter dinheiro, o que é raro, pois é sustentado pela mãe e colabora com o orçamento doméstico fazendo trabalhos esporádicos. Ele também acha muito alto e abusivo o custo das ligações. Geralmente ele coloca dez reais de crédito, mas me conta, estalando os dedos, que o celular está “assim há um tempão ó” sem créditos: “Tu coloca dez reais, vai tudo rápido, tu só fala assim ó, uns oito minutos. Vai tudo.” Um tempão, consigo descobrir com ele, são “uns meses”. Só

não perde a linha, diz Patrick, por causa dos bônus da operadora, que segundo ele continua a receber normalmente. Assim, uma das estratégias possíveis para economizar dinheiro, diz ele, consiste em “pegar na rede” (conseguir créditos na Internet): “só engata o celular né, tem uma página, só que a polícia não pode saber, se saber (*sic*) vai preso.” Eu, afirmando que não sou polícia nem juiz (e Patrick sabe disso, pois na época da entrevista me conhecia há mais de cinco meses – havíamos convivido em um projeto de geração de renda na comunidade, do qual ele fez parte por um tempo) peço para ele me contar mais. Mas acho que ele cai em si, pois me diz:

Eu ainda não descobri como faz, quem sabe é o meu primo lá embaixo, ele coloca cinquenta, cem reais cada vez, aí usa tudo, aí vai lá e coloca de novo... [*Insisto, perguntando se para conseguir créditos na Internet é preciso colocar alguma senha*] Tu vai lá, coloca uma senha, digita e deu... O meu amigo consegue, mas eu não sei. Nunca descobri como é que é.

Antes da disseminação dos celulares na comunidade – ocorrida em torno de cinco, seis anos atrás – ocorriam fraudes em torno de orelhões e cartões telefônicos. O pai de Caio tinha um amigo que vendia esses cartões e ensinou a Caio uma estratégia: “[...]aí tinha um jeito que riscava o cartão que botava crédito no cartão, aí botava lá no orelhão, mexia de um jeito e pegava.” Contada por James, mais interessante ainda é a estória do orelhão, em termos dos riscos envolvidos e da performance pública:

Mas tem a estória do orelhão. Tu puxava um fio de dentro de um cano, emendava direto e colocava um telefone caseiro teu. E fazia ligação e ficava, ficava... ligava para quem tu quisesse. Aí não pagava nada. Mas normalmente quem sabe disso era gente que já trabalhou lá dentro, que já traz a informação. Essa gente diz tu vai abrir o orelhão, vai cortar tal fio, descascar o fio, emendar de tal jeito no teu telefone e aí vai pegar. Tu traz qualquer aparelho de telefone teu de casa e faz isso. Aí tu vai discar do teu aparelho e não do orelhão. Eu já vi fazer isso e já liguei, lá do orelhão

lá perto da creche. “Os caras” fizeram e deixaram feito, para todo mundo poder ligar... Todo mundo ligava rapidinho, ligava e saía, com medo de a polícia chegar. Tinha que torcer para não estar ali na hora. Até que a polícia veio e arrombou com aquilo tudo. Depois que a polícia chegou, arrombou e levou o telefone caseiro que estava lá, “eles” fizeram de novo.

Embora esses estratagemas para falar de graça ao telefone circulem principalmente entre os homens e rapazes, eles não são exclusivos deles. Vejamos o caso de Larissa, por exemplo, uma de minhas interlocutoras privilegiadas, nascida e criada no Morro São Jorge, com seus vinte e oito anos. Já no final do trabalho de campo, conto para ela a ideia deste artigo, inclusive lhe mostrando o resumo proposto e comentando um pouco sobre o material etnográfico recolhido até o momento, em especial a estória da pane nas antenas da operadora Vivo, relatada anteriormente por Caio e James. Ela ri: “essa época era mesmo uma festa, mas já faz uns oito ou dez anos. Todo mundo que tinha celular da Vivo sabia que podia ligar sem pagar depois da meia-noite.” Larissa diz que tem uma estória interessante para me contar. Agora ela está casada com uma mulher, mas, quando mais jovem, adolescente, Larissa teve seus namoros com vários rapazes. Um deles era, como ela mesma diz, “da pesada” e conhecia os estratagemas para burlar as operadoras de telefonia celular. A informação privilegiada consistia na posse de um código – uma sequência de onze números, seguida por um asterisco, após o qual se podia discar o número do telefone desejado. Larissa revela que essa informação privilegiada circulava entre os rapazes daquela determinada turma ao qual o namorado dela pertencia. Um belo dia, conta-me Larissa,

Eu ouvi ele recebendo uma ligação e fui chegando pertinho, por trás, enquanto ele falava. Aí eu percebi esse número estranho no visor. Mas fiquei na minha. Só mais tarde eu fui perguntando, com muito jeitinho, mas o que foi aquela ligação amor? Tinha um número esquisito, o que era aquilo? Mas nada dele querer me contar o que era. Depois me disse

que era um segredo, uma vantagem que eles e os amigos usavam para ligar sem pagar. Eu não desisti até ele me contar direitinho o que era e me passar esses números todos. Mas foi difícil viu? Foi na base de muito beijinho. Mas como ele conseguiu não me contou de jeito nenhum. Só que tem uma coisa, Sandra, esse esquema só dá certo se você ligar de um orelhão ou de um telefone fixo para um número de celular. Se tentar ligar direto de um celular não dá certo.

Curiosa, pergunto se ela ainda tem esse número. Larissa diz que talvez o tenha anotado em algum lugar, “mas faz muito tempo que eu não uso, acho que não dá mais certo, só naquela época, acho que já descobriram.” Revela-me também que o namorado, ao lhe passar a sequência de números, pediu que ela não comentasse com ninguém, o que não impediu Larissa de passar o número para suas três irmãs, “e a gente ficava ligando direto”. Vendo meu ligeiro desapontamento com a falta do tal número, Larissa me passa mais um dado: que sua irmã mais nova, de dezenove anos, “tem um outro esquema, esse é mais recente, mas tem que ligar depois das onze da noite.” Soube por Larissa que o marido dessa irmã estava na prisão na época do meu trabalho de campo. Não foi possível saber se, como no caso de Larissa, o esquema também veio através de pessoas envolvidas com atividades ilícitas. Entretanto, o que o depoimento de Larissa nos mostra é que, embora as mulheres também se utilizem de tais “esquemas” para burlar as operadoras, a via de acesso a tais informações privilegiadas leva aos homens.

Considerações Finais

Através do material etnográfico apresentado, procurei relacionar um dos elementos que compõem a nova masculinidade hegemônica globalizada (KIMMEL, 2004) – qual seja, o uso de tecnologias de comunicação e informação como índice do sucesso masculino – com as masculinidades periféricas tal como se apresentam entre os jovens

do Morro S. Jorge. Nesse percurso, no qual analiso dois conjuntos de práticas relacionadas ao uso de telefones celulares, apresento algumas interpretações à luz das teorias sobre masculinidades, em cotejo com o campo teórico que se propõe estudar os meios de comunicação sob a perspectiva das Ciências Sociais. Sugiro que as tecnologias de comunicação e informação, e em especial os telefones celulares, podem ser levados em conta enquanto elemento constituinte dos processos de incorporação de masculinidade na contemporaneidade. No caso da audição de música, especialmente o funk, sem fone de ouvido, acredito que a prática de ocupar o espaço sonoro em torno de si, no espaço público, forneça um correlato da masculinidade viril relacionada ao corpo esteticamente musculoso. Reconheço que tal proposição, algo ousada, necessita de uma relativização do conceito de corpo, a qual não foi possível aprofundar no breve espaço deste artigo. Entretanto, espero ter podido indicar possíveis linhas de pensamento. Igualmente, sugiro pensar a sociabilidade proporcionada tanto pela troca de música entre jovens via *bluetooth* como pelos relatos de proezas e troca de informações nos fóruns sobre telefones celulares como espaço de *homossociabilidade* – espaços que possibilitam uma performance pública da masculinidade. Argumento também que as “práticas de subversão” conferem ao jovem e ao homem um capital de prestígio advindo do fato de poder subverter, ainda que até certo ponto, regras institucionalizadas e não ser um mero “mané”.

Assim, temos que tecnologias globais impregnam-se de saberes e fazeres locais, desvelando estilos de masculinidade que se constituem na interação e cujos sentidos são constantemente renegociados, muitas vezes reatualizando, sob novas roupagens, estratégias de masculinidade hegemônica, tais como a atividade, a agressividade e a performatividade pública. Ao mesmo tempo, indicam novos estilos de “tornar-se” e de “ser homem”.

Referências

- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- BORELLI, Silvia Helena Simões; ROCHA, Rose de Melo. Juventudes, mídiatizações e nomadismos: a cidade como arena. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, vol. 5, n. 13, p. 27-40, jul.2008.
- CALDERARI, Juliana. Bota o fone, por favor! *Folha de São Paulo*, Caderno Folhateen, 9 fev. 2009.
- CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.2). São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CECCHETTO, Fátima Regina. Galeras funk cariocas: os bailes e a constituição do *ethos* guerreiro. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Orgs.). *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998. p. 145-165.
- _____. *Violência e Estilos de Masculinidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- FONSECA, Claudia. Cavalo amarrado também pasta: honra e humor em um grupo popular brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 15, ano 6, p. 27-39, 1991.
- GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em Primeira Mão*, v. 75, p. 1-37, 1995. Disponível em: <http://www.antropologia.ufsc.br>. Acesso em: 12 jun. 2009.
- KIMMEL, Michael S. Globalization and its mal(e)contents – the gendered moral and the political economy of terrorism. In: KIMMEL, Michael S.; HEARN, Jeff; CONNELL, Raewyn (Eds.). *Handbook of studies on men & masculinities*. London and New York: Sage, 2004. p. 414-431.
- GASTALDO, Édison. A forja do Homem de Ferro: a corporalidade nos esportes de combate. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995. p. 207- 225.
- _____. “O complô da torcida”: futebol e performance masculina em bares. *Horizontes Antropológicos*, v. 11, n. 24, p.107-123, dez. 2005.
- MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 399-422.

- MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- OKABE, Daisuke; ITO, Mizuko. *Keitai in Public Transportation*. In: ITO, Mizuko; OKABE, Daisuke; MATSUDA, Misa (Eds.). *Personal, Portable, Pedestrian: mobile phones in Japanese life*. Chicago: The MIT Press, 2005. p. 205-217.
- RIAL, Carmen. Rúgbi e judô: esporte e masculinidade. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (Orgs.). *Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. p. 229-258.
- SILVA, Sandra Rubia. *Estar no tempo, estar no mundo: a vida social dos telefones celulares em um grupo popular*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista de Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.
- ZALUAR, Alba. *Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.